ANNO I — S. João d'El-Rei, 25 de Dezembro de 1885 — N. 14

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno .... 5$000
Semestre ..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno .... 6$000

Escriptorio da redacção—Praça das Mercês, n. 7

Summario

EXPEDIENTE

E' nosso correspondente em S. José do Rio Preto (Tres Ilhas) o sr. José Pereira de Souza.

O Domingo

20 de Dezembro de 1885.

Actualidades

AQUI onde me vêem agora bem podia estar a esta hora gozando a deliciosa e humida escuridão de aterrador ergastulo.

Podia, se não fosse uma determinação feliz do acaso, achar-me neste momento com as faces pallidas occultas nas mãos crispadas, em attitude commovente de condemnado sympathico, esgrenhadas sobre os hombros as melenas crescidas nos longos dias de soffrimentos atrozes, e emmagrecido, e triste, entre quatro paredes de um cubiculo suffocante, padecendo amargamente as dores, o abatimento, a melancholia infinda dos que soffrem uma sentença iniqua...

E havia de ser muito pinturesco eu, o mais fanatico dos amantes da Liberdade, o mais enthusiasta dos adoradores do sol, dos passeios ao campo, das lucidas manhãs d'estio; eu, o mais fervoroso dos idolatras do Bello, o maior amigo das expansões festivas, das boas reuniões alegres, das conversações cordiaes entre os espiritos incompativeis com a sombra e com o isolamento, eu — réo, preso, atirado á lobrega quietação sinistra de uma enxovia, respirando desalentado o ar frio de uma athmosphera envenenada, sentindo em torno a mim um ruido estranho de grilhetas, a gargalhada insolente de um ladrão encanecido no vicio, a blasphemia ignobil de um assassino, ou de um ebrio...

Deus meu, que horror!

Quando me lembro disso, percorre-me todo o organismo um frémito de susto e eu chego a ficar admirado como não desmaio ao rude choque de semelhante lembrança... E' que nas lutas com o meu espirito tenho desses instantes de verdadeiro heroismo... Além d'isso, a idéa de ser brasileiro restitue-me a calma, lisongea-me o amor proprio, enche-me de justo orgulho e isto de [illegible] [illegible]lenta e a coragem não me [illegible] mais.

Eu me explico

Ser brasileiro [illegible]a, brasileiro, simplesment[illegible] do que ser hespanhol... dom[illegible]...

Neste caro paiz a nossa monarchiasita, que, verdade, verdade, não é lá um primor, sempre deixa a gente externar francamente as suas opiniões, defender os principios que adopta, com todo o desembaraço, sendo que os que o não fazem com elevação de vistas e todo o criterio mesmo no ardor do enthusiasmo que a convicção inspira, mesmo no protesto energico que a justa indignação provoca, são condemnados pelo publico adeantado e cahem — por si — como os fructos apodrecidos de uma arvore frondosa e util...

E entende-se bem que num paiz que se instrue e civilisa precisa de ser assim.

Não se comprehende absolutamente como se hade procurar tolher a um homem o direito de ter uma idéa, de sustentar uma doutrina, defendel-a, propagal-a mesmo com fervor, com a vontade de quem almeja ver a sua opinião consagrada pela maioria...

Sim, porque não se póde impor a um homem que pensa, que raciocina, que compara e que aprecia,—uma idéa politica, para que ninguem se afaste do governo, afim de agradar ao Grão Senhor, como não se póde impor a um cidadão que aprecia, compara, pensa e raciocina, uma crença religiosa qualquer de accordo com essa velharia impossivel, que se chama *Religião do Estado*.

Nos tempos da grande ignorancia, do servilismo popular obrigado pela força bruta, da preponderancia dos thronos, que não enxergavam no povo senão uma turba de trabalhadores [illegible] agi[illegible] [illegible]

A [illegible] não tinha dado ainda ao espirito do homem [illegible] conhecer o direito natural que Deus lhe outorgara de regeitar a escravidão aviltante; nada lhe havia ainda despertado no intimo essa nobre e franca disposição de revolta, que a intelligencia internõe aos poderosos imprudentes, que querem reduzir seus irmãos proletarios á passividade estupida dos irracionaes.

Hoje não se podem mais admittir taes anormalidades. O homem pensa o que quer, adopta uma bandeira; crê o que julga uma verdade e adhere á religião que lhe parece mais divina.

Já temos o livro, que ensina, para substituir os decretos que impõem. A typographia occupou todo o espaço que restava á Arbitrariedade, á Prepotencia, ao Absolutismo, — e não será para admirar que, em breve, o espaço escuro das dynastias seja preenchido pela soberania popular, que o deixará illuminado.

Quem sabe! Deus é mysterioso em

seus decretos, mas é sempre justo em seus altos desígnios...

—

Na Hespanha, porém, o governo mantido pela rainha regente, não quer se curvar a essas leis fataes impostas pelo adeantamento do seculo, e não quer obedecer aos conselhos da prudencia, que não sanciona essas perseguições e esses attentados commettidos por quem dispõe de exercitos e de artilherias contra os que num dado momento sacrificam-se, atiram-se á luta fratricida, indignados por verem tantos insultos cobrindo a bandeira sacrosanta do Direito e da Liberdade.

1789 foi um exemplo terrivel. O lamentavel acontecimento que cobrio as paginas da historia franceza de sangue e de lama, devia servir de licção aos chefes de todas as nações, fazendo-os submetterem-se aos preceitos do verdadeiro patriotismo, obrigando-os a seguirem o caminho recto da Justiça, — com o que nunca se repetiriam essas negras conflagrações, que enlutam a humanidade.

Temo as revoluções e condemno-as pelo proprio anhelo que nutro de ver triumphantes as minhas idéas democraticas.

A revolução aniquilla um paiz, arrasta-o a miseria, attrae sobre elle a execração dos outros.

Mas, condemnando as revoluções e temendo-as, os que falam de boa fé e desinteressadamente, devem desejar com ardencia, que aquelles a quem estão confiados os destinos de um povo, saibam evital-as, procurando meios de governarem — sem egoismo, de dirigirem — sem negar aos que lhes dão dinheiro a custa de pesados labores, as prerogativas que a propria natureza lhes concedeu.

E' o que d'aqui eu diria ao srs. ministros d'Hespanha e á sra. Regente, se a sra. Regente e os srs ministros d'Hespanha lessem *O Domingo*, o que não acho nada provavel.

O que ahi vai dito ainda não está bem explicado, afinal de contas. Saiba o leitor amavel que estas linhas foram suggeridas, á guisa de protesto em nome da liberdade de pensamento, pelo seguinte telegramma:

— «Foram presos os editores do diario *La Discusion*, por terem publicado n'aquella folha um artigo, cuja primeira linha dizia: — Morreu Affonso! Viva a republica!»

Ora, fresco modo de cohibir as manifestações da idéa — manietando indignamente a liberdade da imprensa, irritando os animos dos convictos, negando o direito de se expandirem satisfeitos os que não vêem as cousas pelo mesmo prisma do sr. Canovas dal Castillo!

O leitor sensato ha de por força convir que esse modo de proceder ao envez de apagar atêa ainda mais a fogueira, que elles querem extinguir.

Uma brava gente, a do actual governo hespanhol. *Caramba!*

Veremos em que darão esses excessos de energia...

Mas si eu fôsse compatriota de Calderon de la Barca e publicasse as minhas *Actualidades* do penultimo numero deste jornal em Madrid, digam-me lá se não estava mesmo a espiar tudo atravez das grades...

Felizmente, repito ainda com jubilo, sou brazileiro!

—

E foi-se todo o espaço de que eu dispunha, sem que lhes falasse da morte d'el-rei d. Fernando.

Fica para domingo.

JOÃO RODRIGUES.

Valentim Magalhães

NENHUM dos moços que nestes ultimos tempos cultivam a litteratura no Brazil conseguio tão rapidamente alcançar tantos triumphos e salientar-se tão brilhantemente na republica das nossas letras, como o illustre escriptor, que hoje dignamente dirige *A Semana*.

Como estudante, em S. Paulo, já o applaudido poeta dos *Cantos e Luctas*, de parceria com Raymundo Corrêa, Affonso Celso Junior, Augusto de Lima, Lucio de Mendonça e outras intelligencias superiores, — elevava a imprensa academica com a força vigorosa de seus bellissimos artigos, com a harmonia de seus versos primorosos; illustrava a tribuna com a fluencia de sua palavra enthusiasta e erguida sempre em favor desses levantados principios, dessas aspirações nobres, que a mocidade generosa de continuo defende ao clarão das vivas crenças ainda não maculadas ao contacto de ambições vulgares; — dava, emfim, aos seus collegas provas de uma dedicação ao trabalho, de um amor ás lettras, — que deviam servir de exemplo ás gerações novas, que na Academia se succedessem.

Depois de formado, e, o que é mais, depois de casado, não descançou um momento Valentim Magalhães no labutar incessante a que entregava o seu talento, produzindo sempre muitas poesias bem acabadas, contos, phantazias, critica litteraria e artigos sobre... politica!

Continuou a dar provas reiteradas de sua opulenta imaginação e da sua invencivel tendencia para as lutas porfiadas do jornalismo.

Mais tarde entrou para a redacção da *Gazeta de Noticias*. Ahi obteve o seu maior successo como jornalista — as *Notas á margem*.

Manejando com certa habilidade a critica satyrica, apreciando os factos *au jour le jour* com muita promptidão e muito espirito, activo, illustrado, audaz, fez com que a *Gazeta* obtivesse mais 50 por cento das sympathias de que gozava então, por causa das suas *notas*.

Como todos os escriptores, ou antes, como todos os batalhadores teve dias... que não devem figurar entre as gratas recordações do jovem escriptor.

Mais de uma vez as *Notas á margem* resvalaram para o terreno perigoso das questões individuaes; mais de uma vez ellas se esqueceram do largo caminho luminoso por onde seguiam a colher laureis, para enveredarem, — em horas de máo humor ou de mal contidos resentimentos — por veredas tortuosas de recriminações ferinas e de acres admoestações nascidas de uns desaccordos muitas vezes manifestados mais pelo desejo de discutir, que pela vontade de offender justos melindres, ou de negar incontestaveis meritos.

Como escuras nuvensitas se esfumando em azulado céo amplamente radiante, essas *notas* passaram e foram-se... como aves agoureiras foragidas de estranhos lares, procurando bem longe novos climas, de onde não voltarão jamais...

E V. Magalhães voltou ao seu caminhar de outr'ora, aos hymnos triumphaes dos seus vinte annos, e continuou a receber os applausos e os louvores destinados aos que se distinguem na arena galhardamente.

Deixando a *Gazeta de Noticias*, facto este que causou dolorosa impressão entre os seus muitos admiradores, consagrou-se mais A' *Semana*, que fundara pouco antes, e com tal criterio e aptidão tem orient. do a sua folha que ella goza hoje de uma grande acceitação merecida, como o primeiro jornal litterario, que é, do paiz.

Laborioso como poucos, interessando-se sinceramente pelo progresso das Lettras patrias, Valentim Magalhães presta-lhe com a sua penna valente e incançavel, o mais animador auxilio.

Publicou tres obras. Um magnifico livro de versos — *Cantos e Lutas*; um delicado poemeto — *Colombo e Nenê*; uma parodia em verso á *Morte de D. João* — *A Vida de seu Jucá*, e tem no prelo um livro com *Vinte Contos*, que é só destinado aos ditosos assignantes d'*A Semana*.

Da nova geração de escriptores, talvez seja o que mais tenha trabalhado no jornalismo, e sempre com distincção. Moço ainda como é, se proseguir, como é licito esperar, nesse nobre esforço de não deixar succumbir de todo a litteratura brasileira, elle e os poucos que o acompanham no labor continuado hão de concorrer muito para eleval-a.

—

Não nos propozemos a escrever um esboço biographico do laureado escriptor, porque tanto não comportariam os limites do espaço de que dispomos hoje.

O que alli vai dito é apenas um preito ao talento provado do illustre collega d'*A Semana* e uma expressão do nosso — reconhecimento.

Este reconhecimento é inspirado pela amabilidade com que V. Magalhães nos proporcionou occasião de causar aos nossos leitores uma agradavel sorpresa.

Adeante publicamos um mimoso conto do conhecido litterato, escripto especialmente para honrar as modestas columnas d'*O Domingo*.

Estamos convencidos de que os leitores hão de apreciar devidamente o delicioso mimo, que justamente desvanecidos lhes offerecemos hoje.

Soneto

FILINTO d'Almeida, o poeta inspiradissimo e de fina tempera, que conhece todos os divinos mysterios todas as mysteriosas harmonias do metro, o espirituoso prosador, o companheiro de Valentim Magalhães n'*A Semana*, Filinto d'Almeida com todo o seu cavalherismo, toda a sua gentileza, dignou-se de enviar-nos uma encantadora melodia de sua lyra invejavel, um lampejo de sua inspiração delicada e insinuante para scintillar nas paginas d'*O Domingo*, como radiação feliz de uma boa nova, que hade por força causar aos nossos leitores grata sensação de alegria extrêma.

Não temos necessidade de chamar todas as attenções para o soneto *Nova Bem*.

O nome que [illegible] é por si só — uma attr[illegible]

Objecto d[illegible]

I

QUANDO Eduardo sahio da casa do corrector era tarde, muito tarde, quasi meia noite.

Apenas chegado á rua, enterrou com um gesto desesperado o chapéo na cabeça e, sem ao menos voltar-se para cortejar o bom velhote que lhe alluminava do alto, com o castiçal erguido, a escadaria longa e estreita, entrou a caminhar apressadamente, como levado por uma grande affliccão.

Choviscava forte; mas elle parecia não percebel-o pois tinha o guarda chuva fechado na mão esquerda, emquanto com a direita erguia á bocca e retirava o charuto, que ardia rapidamente.

Ao passar por um café aberto, fartamente illuminado, deteve-se um instante, como interdicto, olhando para dentro; mas depois entrou, sentou-se á mesa, pedio cognac, esgotou o calice de um trago, pagou, agarrou nervosamente no primeiro jornal que vio, percorreu-lhe algumas linhas com os olhos inquietos e rubros como duas brazas, atirou o jornal com um sobresalto e sahio com arremesso, levando estampada no rosto uma afflicção indizivel.

Seu espirito devia estar se debatendo em tremenda luta angustiosa.

Vagou assim pelas ruas muito tempo.

Por fim soava nos sinos uma hora da madrugada, encontrou-se em frente da porta de sua casa.

Esteve alguns instantes parado, consultou authomaticamente o relogio á luz de um phosphoro, — esquecido de que naquelle mesmo instante havia batido uma hora — fez um gesto para abrir a porta e logo outro para partir de novo; sentou-se depois na soleira, com o rosto fechado nas mãos, o guarda-chuva ao lado.

Um rondante, — ao passar-lhe por defronte — deteve-se, vendo-o; bateu-lhe no hombro:

— Que faz aqui, camarada? mas reconhecendo-o, exclamou com voz mesclada de espanto e respeito:

— Perdão, seu doutor...

Eduardo, com o rosto afogueado de vergonha, ergueu-se como impellido por uma mola, balbuciando:

— Uma indisposição subita. Mas não é nada. Obrigado.

Metteu a chave, abrio a porta, fechou-a por dentro e subio lesto as escadas.

II

No vasto quarto luxuoso velava uma lamparina mortiça.

Sobre o largo leito de *vieux chêne* lavrado, Lucia dormia em delicioso desalinho. A alvura do bello collo e dos braços esculpturaes, emersos das ondas de renda, tinha reflexos lacteos. A cabeça, derreada sobre

um travesseiro, pedia, em sua deslumbrante formosura dormente, um beijo de artista, um d'esses beijos de que nascem as obras primas da litteratura e da arte.

O seio arfava mollemente, a bocca sorria como uma rosa entreabrindo-se á noite aos beijos do orvalho... o corpo, abandonado ao somno, tinha tentações mais lascivas que o *Cantico dos Canticos*...

Eduardo ao ver a mulher fez um gesto de tedio. Aproximou-se, sentou-se numa cadeira, em frente do leito e poz-se a contemplar muda e longamente a esposa, mas de modo que não parecia *vel-a*; pensando em cousas graves e remotas.

Subito, como n'um sonho de somnambulo, começou a monologar:

— Perdido! Estou perdido! Não ha ninguem mais que me possa aconselhar, ninguem que me possa arrancar d'esta situação horrivel! E entretanto, eu estaria salvo se eu tivesse alguem que me amasse devéras; porque esse alguem saberia encontrar em seu coração um meio de me salvar...

Foi então que pareceu ver Lucia. Teve um frémito, o rosto illuminou-se-lhe vivamente em subita alegria. Atirou-se para o leito, ia acordar a mulher, ia ouvir d'ella a palavra salvadora...

— Lucia! Lucia!

A rapariga entreabrio os olhos cheios de somno, espreguiçou-se, desnudando o seu formoso busto de Venus e voltou-se para o outro lado, adormecendo de novo.

Eduardo levou então as mãos á cabeça com desespero e do seu labio frio, contrahido num rictus de desespero terrivel, cahiram sobre aquella esplendida mulher adormecida, — cahiram como gottas de chamma, — estas palavras:

— Desgraçado! Esquecia-me que não é do teu corpo que preciso agora! És unicamente um objecto... de amor!

Valentim Magalhães.

Rio, 10 de Dezembro.

Novo Bem

> Que já de triste não sou
> Por mim, nem polo meu mal.
>
> Bernardim Ribeiro.

Se este Bem que eu te devo não devera,
Certo que o mal que eu tinha me matara;
No coração, hydra roaz, ficara,
Nos recessos do peito se escondera.

Mas tu vieste como a Primavera
Reflorir a maninha e morta seára;
Tanto que ouvio minh'alma essa voz clara
Deixou de ser o mal que d'antes era.

Agora, muito que outro mal me fira,
E' tão intenso o bem que eu tenho agora,
Que, mais que todo o mal, viça e perdura.

Elle é que me concerta os sons da lyra,
Elle é que me sustenta e me avigora,
Dando-me a vida por me dar ventura.

1885, Dezembro 6.

Filinto d'Almeida.

Uma execução militar

I

Henrique Wilson que servia num regimento de infantaria ingleza, alliava por um d'esses contrastes que muitas vezes se encontram, as qualidades proprias de um bom soldado e os defeitos mais incompativeis e avessos á profissão das armas. Dotado de valor, da impetuosidade, que em tempo de guerra constituem os heroes, era em virtude do seu caracter susceptivel, mordaz, teimoso e violento, uma das praças mais indisciplinadas do corpo.

Condemnado a alguns dias de prisão, não me lembro agora porque motivo, recusou-se terminantemente a vestir o pequeno uniforme. Aos conselhos e advertencias respondia com injurias, ás ameaças com soccos e pancadas. Chegou ao ponto de lançar-se ao capitão, deital-o por terra, arrancar-lhe as dragonas, e, se os espectadores não interviessem, teria com certeza desafogado a sua colera commettendo as maiores atrocidades.

Respondendo a conselho de guerra, não manifestou a mais leve sombra de arrependimento, e foi por unanimidade condemnado a ser passado pelas armas.

Wilson tinha mãe, que ficara viuva ainda muito nova, e não tornara a casar por causa do filho, o que todavia não impedio que elle a abandonasse para ir sentar praça no exercito.

A pobre mulher sentio e sentio muito a fórma porque Henrique pagava os seus extremos e cuidados; mas, quando soube que elle tinha sido condemnado, o amor de mãe, apparentemente adormecido, acordou com toda a sua força e energia. As loucuras e desvarios de seu filho ingrato foram esquecidos sob a impressão deste horrivel pensamento: vae morrer!

Ella aconselhou o filho que appellasse, e foi lançar-se aos pés dos juizes. Mas a lei não pôde perdoar. A sentença fatal foi confirmada.

As tropas tiveram conhecimento da condemnação por uma ordem do exercito, e a noticia promptamente se espalhou por toda a cidade.

O logar escolhido para a execução era um espaço descoberto, sobre as muralhas; a hora, a do meio dia.

Meio dia, para que o exemplo fosse mais efficaz, visto que a essa

hora os operarios descançam alguns momentos do trabalho.

II

De manhã cedo o rufar dos tambores, o som das cornetas e o tropel dos cavallos annunciaram a execução que ia ter. O povo corria, atropelava-se, arrastava-se em turbilhão vertiginoso para o local designado.

As tropas formaram em linha constituindo tres lados de um rectangulo, cujo quarto lado era fechado por um muro branco. No centro estava um pelotão de 12 soldados escolhidos para serem executores da lei militar.

Carregam as espingardas, e, na postura e no semblante de todos, debuxa-se a afflicção e a dor, combatidas pelo dever. Junto delles havia um grupo de officiaes occupados com os terriveis preparativos, e mais longe uns poucos de medicos.

Nestas occasiões pertence-lhes o corpo do paciente.

As eminencias, os muros, os telhados visinhos estavam coroados por uma espessa floresta de cabeças. A multidão, porém, guardava profundo silencio e procedia com a maior decencia. Nada de tumultos, nem de blasphemias, nem pragas, nem confusão. Todos estavam alli observando com anciedade os preparativos para a morte do soldado. Todos o lastimavam, mas reconheciam a justiça da condemnação.

Não havia esperança, não podia haver duvida. Mas quem é aquelle homem, que está afastado, o unico que tem o privilegio de entrar no quadrado fatal, com um barrete sujo, um fato immundo e uma corda na mão? E' algum parente do condemnado? Não; é o homem que desempenha as mais baixas funcções a que se póde aviltar a natureza humana: é o carrasco.

E aquelle carro que vem andando de vagar, o que é? E' o coche do soldado.

Um horrivel tremor corre por todos os membros da multidão agglomerada, quando dois homens se approximaram do carro, tiram um esquife e o collocam junto do muro por traz de um outeiro, que marcava o termo da vida do criminoso.

III

Mas... já deu a hora: onde está o prisioneiro? Suspendeu-se a execução? Não. Attentae no que se está passando. Não ouvis o murmurio surdo e confuso, que sahe da multidão? não vedes como toda a gente se colloca em ambos os lados do caminho?

E' elle que vem.

As tropas estão em armas; rufam os tambores; abre-se uma parte do quadrado.

Um corpo de soldados avança vagarosamente. No meio d'elles está um homem, de pequeno uniforme, e a seu lado caminha um ministro de Deus tendo na mão o symbolo sagrado da nossa fé. O sacerdote reza com fervor, em voz alta, e diz palavras de consolação e de conforto ao moribundo; pois entre elle e a eternidade não ha outra barreira, outro intervallo senão a leitura da sentença.

Do outro lado acha-se o padrinho do soldado, o unico amigo, que lhe resta; acaba de lançar-lhe a benção.

Quanto á mãe, coitada!... descrever lhe as angustias e torturas é tarefa impossivel á palavra humana...

Dá-se um signal: ouve-se rufar o tambor e parar de repente.

O grupo tristonho e lugubre approxima-se do recinto fatal. Tremem todos os corpos, palpitam com violencia todos os corações.

E, na verdade, é um espectaculo muito para entristecer e lastimar, ver uma pobre creatura no florir dos annos, caminhar para o tumulo, e num segundo transpôr a barreira immensa, que separa a vida da morte.

Houve uma pausa de alguns instantes.

O sacerdote levanta a voz e lança a benção ao penitente: o padrinho desfecha em pranto; porém elle, Henrique Wilson, avança com um passo firme, e caminha só sem o minimo amparo. Vê o esquife, não manifesta a mais pequena commoção. Não pede que o conduzam, e continua a andar com serenidade, mantendo-se perfeitamente nas pernas, com os braços cruzados e cabeça levantada.

Depois lança um olhar para a cova aberta, outro para os soldados, que estão deante delle com as armas carregadas, e, inclinando a cabeça, ajoelha.

IV

Os corações batem com tanta força, que é difficil respirar. E no espirito de todos se agita o seguinte problema: que sensações experimentará o homem, que está alli ajoelhado? vê? ouve? Anima-o a esperança de perdão neste mundo, ou de salvação no outro? A sua tranquilidade e compostura denotam apenas a mais completa indifferença. Está de joelhos; tem a cabeça descoberta. As rezas e orações absorvem-lhe o animo?

Pensa elle por acaso no lar paterno, recorda-se dos seus dias de infancia, lembra-se de sua desventurada mãe? ou todo aquelle ser, toda aquella alma é um cahos de confusão e desespero? Os labios não se movem; as feições não deixam advinhar remorsos, nem esperança, nem agonia.

O céo está coberto de nuvens sombrias e carregadas: mas de repente, dissipam-se os vapores, e o sol brilhando em todo o seu esplendor no meio de um azul puro formosissimo, doura com os seus raios de fogo o theatro desta lugubre tragedia. Mas pouco importa que as nuvens lancem agua, neve ou fogo? Mais alguns minutos... e as trevas da morte virão fechar-lhe as palpebras para sempre.

Finalmente, está tudo preparado. O juiz encarregado de ler a sentença avança devagar: o pelotão, que o deve executar, une as fileiras. Os soldados empunham com mais firmeza as espingardas. Divisa-se-lhes nos rostos profunda commoção.

Tambem elle, o carrasco, avança alguns passos; abaixa-se, arranca um punhado de herva secca, dá um ponta-pé numa pedra, cruza os braços e continua a olhar fixamente para o que se passa em volta de si. A acção deste homem era uma significativa e eloquente imagem do seu horrivel mister.

V

O juiz começa a leitura. O prisioneiro conserva-se de joelhos, tendo a cabeça encostada á mão direita, e a mão esquerda vigorosamente fechada; as sobrancelhas estão franzidas, as ventas abertas, cerrados os labios e os olhos. Uma ligeira oscillação de corpo, um tremor, que lhe agita todos os membros, são os unicos signaes de que elle ainda é susceptivel de sensação.

A massa do povo, que o rodeia, está silenciosa como um tumulo. Dirigem-se os olhares para o paciente insensivel, resoluto; depois para o esquife.

Alguns espectadores voltam a cabeça e tapam os ouvidos, porque os executores da sentença preparam as armas.

Os officiaes e juizes desviam-se para traz. O paciente tem as mãos e a bocca fechadas com mais força, os beiços tremem-lhe nervosamente; dirige um olhar furtivo para os executores, e do peito convulsamente agitado, sahe-lhe um profundo soluço.

— Apontar! Estas palavras são pronunciadas com voz forte e penetrante pelo official que commanda o pelotão.

Dos que assistem ao horroroso espectaculo, uns prostram-se, outros soluçam e alguns até des-

mavam; o sacerdote ajoelha e reza com fervor, o carrasco arrasta-se, como um reptil, para o pé da victima. Onde está o lenço para vendar os olhos no paciente? Desejará elle dar mostras de uma coragem digna de melhor causa, e encarar a morte como um herõe? Deseja sim; não quer que lhe tapem os olhos.

Coragem, soldado, e Deus tenha misericordia de tua alma.

VI

Uma só palavra, duas syllabas apenas «Fogo!» e não será mais do que um cadaver! Mas, espere! a morte vai ver arrebatarem-lhe a preza. Chega um official correndo e já sem folego.

(O soberano, o poder moderador, informado da sorte do condemnado, enviou um mensageiro com o seu perdão.

— Perdão! exclama o official, profundamente commovido.

— Perdão? repetem os grupos, que o cercam.

E esta palavra: Perdão! por entre as exclamações de: Viva o rei! sahe como um grito espontaneo, repetido por toda a multidão, e resoa alegremente no espaço.

O homem ajoelhado parece então despertar de um somno lethargico.

A natureza porém, reclama os seus direitos. As mãos agitam-se violentamente; anima-se-lhe a physionomia; os olhos dirigem-se para o sol que fulgura com tanto brilho sobre elle; tremem-lhe os labios; quer levantar-se; mas cambaleia e cae nos braços dos que tinham corrido para sustel-o, e chora abundantemente. E' que a transição da agonia para a certeza da vida, foi rapida de mais.

E' facil adivinhar o que sentiria o auctor destas linhas, assistindo a scenas tão pungentes, quando se souber que foi elle o objecto das violencias de Henrique Wilson, e que a sentença de morte foi pronunciada em virtude do seu depoimento.

Vaticinio

Dia virá que um sonho angustiado
hade mostrar-te envolta em maldições,
num ve[illegible] sangrento, —a tela do passado.
E ahi, no meio de fataes visões,
hão de surgir-te— em grupo desvairado,
teus odios vis—e tuas vis traições.
Quando a velhice te cobrir de rugas
a face eburnea, e as illusões mentidas
tornarem-te reaes essas fingidas
lagrimas frias, que a sorrir enxugas;
—virão ferir-te as magoas mais sentidas
e hade o remorso dar-te, em louca ardencia,
negras horas de scismas doloridas,
—se um resto te ficar de consciencia...

JORGE RODRIGUES.

Considerações mais ou menos philosophicas

Senhores, eu cada vez me convenço mais que este *Domingo* é bom mesmo. (1)

Si não bastassem para fortificar a minha convicção —o grande numero de seus assignantes, os elogios que recebe diariamente de todas as partes do mundo e ilhas proximas; a inveja que causa (involuntariamente, salvo seja! ninguem tem culpa de ser querido...) a alguns ingratos que se dizem collegas; os louros deslumbrantes que aureolam a fronte juvenil de seus redactores e collaboradores; (*Romeu*, inclusivé!) si não bastasse para amparar a minha convicção tudo isso e mais... etc., etc., etc., que seria longo enumerar, (tome aqui folego o leitor, se lhe apraz) teria o artiguinho publicado no ultimo numero do *Arauto de Minas*, o orgam do felizardo que tirou a sorte grande da *Provincial*, pelo sympathico e amavel sr. dr. promotor publico da comarca.

S. S. vem chamando a attenção da gente da imprensa para o artigo 307 (antipathico numero!) de um diabo de codigo que não favorece à imprensa, que não lhe concede nem os sellos *gratis*, nem ao menos protege-a contra os botes da maledicencia cobarde, nem contra os apodos dos egoistas e dos assignantes que não pagam (2) — e que, ainda em cima, impõe uma multa de 10 a 30$ aos que, embriagados pela gloria (como por exemplo... Não! não direi...) ou distrahidos por mil affazeres, se esquecem de mimosear com um numero do jornal que publicam o illustre representante da Justiça Publica. (3)

O *Arauto* varreu a testada, no que fez muito bem e a *Gazeta* tambem varrerá, no que não fará nada mal...

(1) Apoiados geraes.
(2) *Vozes*: — Muito bem!
(3) *Vozes*: — Bravissimo!

Só *O Domingo* — que aliáz não tem por assignante o illustrissimo promotor — não o poderá fazer e, d'est'arte, a carapuça talhada por S. S. vém-lhe mesmo ao pintar. D'ahi a minha supposição exarada acima:

Si *O Domingo* fosse assim... um dominguinho qualquer, sem sol, sem festa, sem jubilos bons e animadores, a autoridade não se lembrava d'elle. A promotoria que o reclama é porque a promotoria sabe o que perde.

Um cartãosinho enviado a esta redacção (porque esta redacção compõe-se de uma rapasiada hospitaleira e atteneiosa a valer) (4) conseguiria tudo. Mas o sr. dr. promotor publico é um moço habil. Foi logo ás do cabo para evitar demora do ambicionado gozar da succulenta e deleitosa leitura deste jornal, que se assigna a 6$000 por anno (uma pechincha!), que tem collaboradores de primeira ordem, nacionaes e estrangeiros (5) e muitas outras attracções irresistiveis para qualquer cidadão, por menos promotor que seja.

Pois bem! Desvanecido pela justa demonstração do interesse, declaro que não soffrerá o illustrado e energico funccionario o supplicio de não ler os nossos bellissimos artigos.

Si os não apreciou até aqui foi por uma razão muito simples. Quando *O Domingo* surgio nesta abençoada terra a illuminar-lhe os horisontes, era promotor o sr. commendador Rodrigues, que sempre o recebeu, do que dou fé. Depois soubemos que elle tinha deixado o exercicio d'aquelle cargo, mas ninguem nos communicou que o nosso honrado e distincto amigo dr. F. da Cunha havia-o assumido. *Nessuno!* como diria o *Pio II*, que anda querendo convencer a todo mundo que aquella algaravia escripta ás vezes por elle é italiano.

Agora aquella perspectiva de 30$

(4) Apoiados ainda mais geraes.
(5) Vid. o numero de hoje.

fez-nos sempre ter um calafrio... Ui! 30$! Justamente quanto a nossa burra possue... em dividas. Seria horrivel.

O Domingo vai já começar a ser remettido ao sr. dr. orgam da Justiça, pelo muito que o consideramos. Porém... um reparosinho: a lei se entende com *escripto* ou *obra impressa* e este jornal não está no caso.

Elle não é um *escripto*, é um composto de esplendidos e admiraveis *escriptos* impressos e nem é uma *obra impressa*, mas simplesmente uma obra de — causar impressão.

Por ahi se vê que não foi *só* o cumprimento da lei que despertou a reclamação da promotoria, foi a vontade de ler *O Domingo*, este *Domingo* que é o encanto de uns e o flagello de muitos.

Fique tranquillo o digno promotor publico. Hade lel-o... mas tire a sua muita da chuva, que assusta a gente.

ROMEU ALEGRE.

Theatre

MOVERAM-SE emfim os gonzos enferrujados das portas do nosso theatro. Ainda bem! Ha que tempos ellas não se abriam. As companhias dramaticas não queriam mesmo apparecer-nos mais.

Apenas as aranhas terriveis representavam lá pelas paredes do palco, mysteriosamente na sombra, as suas feias tragedias em que são victimas as pobres mosquinhas descuidosas e imprudentes; ou os morcegos tetricos interpretavam dramas estranhos na treva de seus ninhos occultos no forro...

Felizmente o Maia chegou, o sympathico Augusto Maia, que tão boas recordações deixou-nos aqui, principalmente na *Ramalheteira dos Campos Elyseos*, e promette-nos algumas noites de agradavel distracção em companhia de sua senhora, a laureada e eximia actriz d. Amelia Escudero, da interessante Ninica e mais o sr. Bretas, que vamos conhecer agora, e outros.

Ora bem bom!

Deus queira que o nosso publico apreciador e respeitavel vá animando esses artistas.

No outro numero occupar-nos-emos do primeiro espectaculo da *troupe*.

Mysticismo

Rugia o temporal sinistramente,
as arvores prostrando na passagem,
como se fosse um batalhão selvagem
pondo em ruinas o que visse a frente.

A lua se escondeu timidamente
ao percebel-o vir sob a folhagem,
como a douzella incauta e sem coragem
ao ver de longe uma feroz serpente:

E eu ia pela estrada firme e forte;
sentia em mim a força e a ousadia
dos que não sabem receiar da morte.

E nem deixar de ser assim podia,
desde que a tua imagem, por meu norte,
entre as brumas do céo p'ra mim sorria.

A. MOREIRA DE VASCONCELLOS.

Sobre a meza

S. JOÃO D'EL-REI. Periodico consagrado aos interesses do partido liberal, que appareceu nesta cidade no dia 15 do corrente, sob a intelligente redacção do digno professor Francisco de Paula Pinheiro. E edictor e proprietario o sr. Francisco Bernardino de Alvarenga.

No primeiro artigo de apresentação, um artigo habilmente escripto, fluente, conciso, com muita elevação de vistas e muito criterio nas considerações, o collega expõe o seu programma, que resume-se na defeza dos mais adiantados principios do partido a que se filia.

No segundo artigo o collega accentua ainda mais as suas justas aspirações, as disposições sympathicas em que se acha para elevar-se no conceito de seus concidadãos. Assim é que lemos com magno prazer as seguintes palavras do distincto collega:

« A fundação deste orgam não tem por fim os interesse individuaes e nem tão pouco visa outros de ordem menos digna de quem tem por phanal exclusivamente — a idéa. »

Assim como estimamos muitissimo que fisesse esta declaração:

« A mofina será banida de uma vez para sempre de nossas columnas, não acceitando repto algum, por mais insultuoso que se nos atire. »

Mantendo-se neste terreno, como é de esperar, auguramos ao collega um futuro prospero.

Traz ainda o novo jornal um noticiario variado e interessante.

Saudando o *S. João d'El-Rei*, desejamos que lhe não faltem laureis na carreira que encetou e que não se percorre sem tingir com o sangue dos proprios pés os ourzedos do caminho...

O PARAHYBA, n.° 89. Esse criterioso e importante jornal da Parahyba do Sul accusando o nosso n.° 12 honra-nos com as seguintes expressões:

« *O Domingo*. Recebemos o n.° 12 d'*O Domingo*.
Cada um dia cresce de interesse e mais se recommenda pela belleza e importancia de seus escriptos.
D'elle, com a devida venia, extrahimos hoje o bem lançado artigo de Jorge Rodrigues, que illustra a nossa pagina de honra, e para o qual chamamos a attenção dos nossos collegas »

Na sua primeira pagina o collega transcreve o artigo *Actualidade*, escripto a proposito da morte de Affonso XII.

A SEMANA — n.° 50. Como sempre attractiva e interessante. Reappareceu José do Egypto nas paginas da Historia... dos sete dias. Findal deixou-nos vivas saudades. Valha-nos a compensação.

O CONTEMPORANEO. N. 3. Orgam republicano, de Ouro-Preto.

Distingue-nos com umas expressões benevolas muito honrosas, que agradecemos cordialmente.

Sentimos a quaixa que faz sobre a irregularidade com que recebe a nossa folha, mas affirmamos-lhe que ella lhe tem sido remetida com a maior pontualidade.

E' *elle*... *Elle!* Sabe?

Lambrequins

Calino encontra um amigo.

— Sabes? acabo de vender a minha sepultura ao Nunes.

— Por quanto?

— 40$000 reis.

— Porem ella te havia custado 80.

— Sim, mas eu reservei para mim os direitos de usofructo.

—

No boulevard.

Um typo segue uma dama.

— Senhora...

— Deixe-me, senhor. Sou honesta.

— O' que desgraca!

—

Quando na rua qualquer careca
De outro careca passa por pé,
Toca-lhe os ossos, dá-lhe uma secca,
Que o mal de muitos consolo é.

Tic

—

A paciencia é o apoio da fraqueza; a impaciencia é a ruina da força.

—

Escutar sempre, sempre pensar, aprender sempre, é para isto que nós vivemos. Quem não aspira a mais nada, quem nada aprende, não é digno de viver.

Morte ao tempo

Repiquem sinos festivos! estoure a foguetaria! e os brados mais expressivos subam ao ar!

Que alegria! Que alegrão! Que enthusiasmo! *S. João* num grande pasmo, saúda a aurora brilhante que repontou neste dia!

Cantem-se hosannas a Deus! Abram-se as portas dos hymnos e as janellas dos sorrisos! Os prazeres mais divinos nos tragam delirios seus!

Pio II, este inclitoso, sempre teve agora um goso e exulta fervidamente, vê tudo azul pelos ceus.

Chegou e *Tong* afamado!!! Veio bello, alegre e forte. Chegou-nos, o *desejado*, o meu Messias... da *Morte*.

Já vejo os meigos semblantes das leitoras—radiantes—;neste momento não vejo uma só que... não me corte na pelle, até dar-lhe cabo:

— *Pio II* era cacete, era máo, era o diabo; andava pintando o sete com as mais difficeis charadas, nos deixando embaraçadas; fóra o Pio! o nosso Kong bellos premios nos promette...

Ouço disto... e me raspando vou — lampeiro e caladinho.

O *Kong* irá se arranjando, que elle p'ra isto é *sosinho!* Eu sei que elle não fará o que eu fiz — bem acabado!—Mas isto digo baixinho, porque preciso agradal-o e o chim é desconfiado.

Como hoje é a despedida, vão faceis de decifrar as questões, é só na lida — chegar, e ver,... e matar.

Vejam lá, grupos rapazes, que ides chorar minha ausencia: vêde tambem, *Perspicazes*, as ultimas harmonias da minha graca e sciencia:

LOGOGRIPHO

Fortaleço o corpo—2,4,9,19,5,14
Só num monte habito—9,16,12,1
De Deus tenho o sopro—18,3,9,6,17,11
Mas sou do precito-10,4,7,15,8,13,11

Sou exemplo de virtudes
Entre as rainhas do mar,
Affirma, que não te illudas,
Que sou mui para estimar.

—

CHARADAS

NOVISSIMAS

E' variação na familia esse mimo litterario? — 1, 1, 1.

O elemento é lettra entre os animaes do medroso. — 1, 1, 1.

E' grande no prato este cetaceo — 1, 2.

—

EM ZIG-ZAG

Sou materia gordurosa
E em vontade decidida
Tenho a vida criminosa

EM QUADRO

E' lei prescripta ao homem
E os animaes encerra
Quem diz-me diz — prender
Não sou commum na terra.

—

TELEGRAPHICAS

Catolé corta.

Gamote é vegetal.

—

ANTIGA

Faço guerra ao singular — 1
E entre pronomes nasci — 1
E entre elles hasde me achar—1
Com terra sempre vivi — 1
Não sou doente a tratar — 1
Corro a vos communicar.

—

As do numero passado ficaram... a ver navios. Só o *Club dos Cabeças Duras* mandou as decifrações, e assim mesmo não acertou com a charada em *zig-zag*, uma das *telegraphicas* e uma das *novissimas*.

As decifrações são as seguintes:

LOGOGRIPHO

Maravilhosissimamente.

—

CHARADAS

Em Zig-Zag

Mos

ca dei

ta ra

ta

—

Telegraphicas

Catulão, Parda, Salada.

—

Novissimas

Cereja, Martinho.

Pio II.

Annuncios